
**O “CANGACEIRO DEPUTADO” E O “DEPUTADO CANGACEIRO”:
LAMPIÃO COMO A SOLUÇÃO PARA OS DILEMAS DO NORDESTE NA
PERSPECTIVA DO CORDEL**

Wescley Rodrigues Dutra*

Universidade Federal da Paraíba

wescley.dutra@bol.com.br

Atualmente, evidenciamos no Nordeste brasileiro um processo de esfacelamento das tradições locais. Podemos delimitar a década de 1950 como marco do início de tal fragmentação, quando a nível nacional e regional deu-se, de forma mais efetiva, a modernização e intensificação da produção industrial e a abertura a cultura estrangeira. Especificamente a nível regional, esse desenvolvimento teve um papel preponderante, contribuindo, principalmente nos sertões, para o rompimento de todo um modo de vida que vinculava os sujeitos a terra. Foi também nesse período que tivemos uma intensificação da vida urbana, ocorrendo o deslocamento da importância das áreas rurais para as cidades. Essa mutação veio atrelada a uma forte migração de inúmeros camponeses que viam nas *urbes* uma nova forma de vida.

Nesse contexto, gradativamente o mundo do consumo foi sendo implantado no Nordeste. No entanto, inúmeras vozes levantaram-se contra essas bruscas modificações no “modo de vida”, contestando a maneira como as tradições¹ estavam sendo rompidas. O cordel foi uma dessas formas de resistência a instituição de padrões hegemônicos, apresentando-se, em alguns momentos, como um ferrenho crítico ao modelo que estava sendo implantado.

Assim, os cordelistas passaram a selecionar personagens históricos que representariam a essência nordestina, sendo eles simbolizados como bandeiras de resistência e defensores das tradições. Um desses personagens trabalhados pelos

* Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em História, da Universidade Federal da Paraíba, onde desenvolve pesquisa sobre as representações construídas em torno da figura de Virgolino Ferreira da Silva – Lampião. Bolsista Capes.

¹ Entendemos tradição como todo um modo de vida adotado por sujeitos sociais em um determinado espaço, tendo essa, forte relação com a cultura. Ambas contribuem na formação da identidade social dos sujeitos.

cordelistas foi o cangaceiro Virgulino Ferreira da Silva, vulgo Lampião, que atuou no Nordeste por praticamente vinte anos, entre 1918 a 1938.

Lampião é uma dessas figuras da história que tem a sua vida envolta em constantes contradições, sendo que em torno dele são criadas múltiplas representações que pretendem dá-lhe um lugar social. Na imagética nordestina, como também no cordel, Lampião é um desses sujeitos que trás na sua trajetória de vida o estigma do banditismo e do heroísmo.

No presente artigo buscamos trabalhar como o cordel mudou a representação feita sobre Lampião: de bandido sanguinário, o cangaceiro, em alguns momentos, passou a ser representado como a solução para todas as transformações que estavam acontecendo no Nordeste e que contribuíam para a desestruturação das tradições. Para alcançar tal objetivo, escolhemos dois cordéis: “Virgulino Lampião, Deputado Federá” (s/d) de Jessier Quirino e “A volta de Virgulino para consertar o sertão” (s/d), de José Honório da Silva, premiado com o primeiro lugar no Concurso Literário do Centenário de Lampião e terceiro lugar no Concurso Nacional de Literatura de Cordel sobre Lampião.² Nos perguntamos, então, qual a representação que esses autores construíram sobre Lampião e o que o cangaceiro significava para a região segundo Quirino e Silva?

O “Bandido” Justiceiro

O cordel, reconhecido pela UNESCO como patrimônio da cultura brasileira, pode ser entendido como uma das formas encontradas por alguns populares nordestinos de manifestarem a sua forma de pensamento, expressando através da sua escrita e narrativa, a forma como vivia a região, e se manifestava a cultura e tradições. Eles são documentos de extrema relevância para quem pretende estudar a cultura nordestina por ser expressão de como um povo simples usa de formas criativas para expressar a sua cultura.

No caso do cordel brasileiro, tivemos uma forte inspiração na literatura francesa de “colportage”, na própria literatura de cordel portuguesa e nos romances de “pliegos

² Apesar de não termos identificado o ano da publicação dos cordéis utilizados, evidenciamos que esses foram escritos em fins da década de 1990 e início do século XXI.

sultos” ibéricos.³ Essa literatura, que tem esse nome devido por muito tempo ter sido vendida nas feiras livres onde eram expostas penduradas em cordões, foram desde as suas origens, tanto aqui como na Europa, vinculada as camadas pobres, ganhando por isso o conceito de popular, conceito esse tão discutido atualmente.⁴

A própria ideia do cordel como uma forma de resistência tem sido alvo de questionamento nos dias atuais, no entanto, acreditamos que mesmo essa literatura tendo passado após meados de 1970 por transformações mercadológica, ela ainda reflete muito da cultura nordestina, contribuindo para a formação de múltiplas representações sobre a região e sua população. Assim, o cordel é uma maneira encontrada pelos cordelistas, que fazem parte de uma “elite letrada”, de exporem as suas impressões sobre determinados temas, se opondo, muitas vezes, a tentativa de hegemonia de alguns padrões modernos. Deslocando-se um pouco dessa ideia, a pesquisadora Vilma Mota Quinela, no seu artigo “Cordel, Mídias e Mediações Culturais”, afirma:

Compreender o cordel como um sistema cujas raízes se situam em práticas populares tradicionais, ou seja, não hegemônicas da sociedade, não implica, em absoluto, validar a noção ainda corrente do cordel como um produto de relações de produção cultural anacrônicas, isto é, deslocadas do contexto cultural global. Ao contrário disso, uma visada em perspectiva histórica permite observar que a existência do cordel como um sistema de produção ‘popular’ sempre dependeu do diálogo dos seus produtores com seus diversos outros. Assim, ainda que não se confunda com o massivo, o cordel sempre agregou em seu discurso, em seu suporte e em seu sistema de divulgação mecanismos que lhe permitiram, ao longo dos anos, não apenas resistir, como também atender às injunções do mercado. Da mesma forma, embora se constitua com base na lógica da oralidade e, em princípio, tenha servido, efetivamente, a esse domínio, o cordel não deixa de refletir e mesmo de legitimar, de diversas maneiras, a preponderância política do discurso letrado.⁵

A crítica aos padrões de modernidade da atualidade, aparecem no cordel como uma forma irônica e bizarra, induzindo o leitor ao riso, sugerindo, em determinados momentos, que a modernidade precisava ser questionada; mas mesmo nesse

³ Ver: “Textos e edições: a ‘literatura de cordel’” In.: CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1990. p. 165- 187.

⁴ Para um aprofundamento sobre a discussão contemporânea do conceito de popular ver: BURKE, Peter (Org.). **A Escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP, 1992. CHARTIER, Roger. **A História ou a Leitura do Tempo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

⁵ Disponível para acesso no site: <http://www.comissaobaianadefolclore.org.br/artigos.html>. Acessado em 15 jul 2010.

questionamento não se deixava de reconhecer os seus benefícios e malefícios para o modelo tradicional. A crítica viria, então, regada pela ironia, o riso. É o caso dos cordéis que estamos trabalhando. Voltando-se a uma análise do campo da política, os autores usaram Lampião como um justiceiro que se ainda fosse vivo poria ordem na “esculhambação” que atingia a política nacional e regional.

Essa imagem nos leva a indagação: O que fez Lampião passar de cangaceiro sanguinário, bandido desalmado e despudorado, a justiceiro honesto, homem de moral? Sabemos que responder a essa questão não é uma das tarefas mais fáceis e demandaria muito tempo e pesquisas, mas de forma rápida poderíamos dizer que há certa identificação entre os nordestinos e Lampião.

Mesmo em vida, quando atuava nos sertões, ele era temido e amado, sendo uma figura contraditória. Ao mesmo tempo em que roubava, chegou a promover atos de caridade e compaixão, não da forma como na década de 1970 acreditavam os marxistas brasileiros ligados a questão agrária, os quais afirmavam que Lampião tirava dos ricos para dá aos pobres. A sua maneira Lampião representou uma forma de vida adversa ao coronelismo e a submissão dos homens a esse sistema, mas também, algumas vezes, travou forte relação com os coronéis obtendo grandes vantagens. Talvez tenha sido essa ambigüidade de ações e admiração que levou Nertan Macêdo a afirmar:

Lampião tornou-se um mito, uma gesta, um romance do país nordestino [...] tudo isso afirmo porque sei, de ciência própria, que a vida do Capitão Virgulino não pode ser facilmente reconstruída. Ele não foi rei, estadista, cabode-guerra, nem poeta, nem santo. Quem sabe se não terá sido um pouco de tudo isso na sua vivência clandestina? (MACÊDO, 1972, p. 14-15)

Assim, desde muito cedo a temática do cangaço foi introduzida na literatura de cordel, sendo um assunto que muito chamava a atenção dos sertanejos que queriam acompanhar as peripécias da vida de Lampião e seu bando. Mesmo temendo os cangaceiros, os populares admiravam a valentia e coragem daqueles homens das armas.

No campo da produção do cordel sobre o cangaço, nós podemos identificar duas fases: uma primeira que surgiu durante o período em que o movimento estava acontecendo, sendo que os escritos se voltavam a uma narrativa dos feitos dos cangaceiros. Muitos desses cordéis tiveram como fontes de inspiração as notícias que eram vinculadas pelos jornais. Um exemplo desse tipo de produção foi o cordel “Os Decretos de Lampião”, de Francisco das Chagas Batista, publicado nos anos de 1920.

Já a segunda fase, teve origem após a desarticulação dos bandos de cangaceiros nos fins da década de 1930. Essa fase foi caracterizada por uma produção cômica, sendo trabalhadas as anedotas sobre os cangaceiros. Esse período também foi caracterizado por uma produção épico-romanesca, na qual podemos encontrar a fundição entre a ficção, o discurso oficial e a memória popular sobre o cangaço. Exemplo dessa segunda fase foi o cordel “A chegada de Lampião no Inferno”, de autoria de José Pacheco da Rocha (1890-1954), publicado na década de 1940.

Nos cordéis “A volta de Virgulino para consertar o sertão”, de José Honório da Silva e “Virgulino Lampião, Deputado Federá”, de Jessier Quirino, os cordelistas fizeram uso do cômico para denunciar uma realidade modernizante que, para eles, estava se configurando como ações contra a “moralidade e a justiça”. Os tempos antigos, o qual o rural ainda não tinha sido influenciado pelo urbano, são invocados com saudosismo:

O tempo bom já se foi/ Muita gente pensa assim/ E se a vida era difícil/ Por certo está mais ruim/ Parece até que este mundo/ Mergulha num caos profundo/ Já decretando o seu fim.

Hoje em dia só se vê/ Guerra, seqüestro, atentado/ Miséria, fome, doença/ Vulcão, enchente, tornado/ Desemprego, violência/ Corrupção, indecência/ Se espalham por todo lado (SILVA, s/d).

Nesse contexto, um tradição de “tempos bons”, passado, foi sendo inventada para representar um presente que estava configurando-se com a fragmentação dos valores e da cultura antiga. Daí podemos nos questionar: Será se realmente não havia corrupção, violência e indecência no passado nordestino? Como esquecer todo o sistema coronelístico que limitava os direitos individuais se impondo através da força e do despotismo? Talvez o cordelista tenha feito uso da licença poética para sensibilizar, chamar a atenção para uma realidade que acontece no Brasil há tempos, mas que devido à modernização dos meios de comunicação, os escândalos no âmbito da política estão sendo difundidos, chegando ao conhecimento popular.

O cordelista clama, assim, por um retorno do que ele entende de moral, uma moral que estaria no passado. Podemos evidenciar existir nesse discurso uma espécie de invenção de uma tradição para legitimar e qualificar o passado. Na perspectiva de Eric Hobsbawm, entende-se “tradição inventada”, como:

um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente; uma continuidade em relação ao passado (2008, p. 09).

O passado seria, então, visto como esse guardião de valores que está sendo dissolvido no presente. O passado seria como uma referência, mesmo sendo este uma referência de tradição inventada. Nesse contexto, os próprios sujeitos históricos vão sendo resignificados e são, anacronicamente, trazidos para o presente na forma de discurso, a fim de impor a moral, disciplinarizar o presente corrupto, sem justiça.

Lampião foi “convocado” pelos cordelistas para quebrar a corrupção, ser o juiz do presente, como outrora fora na Bahia, nos anos de 1930, quando era convocado pelos populares para deliberar sobre brigas entre famílias, propriedades ou animais, como narrou Nertan Macêdo no seu livro “Capitão Virgulino Ferreira: Lampião”. Segundo Optato Gueiros, memorialista e ex oficial comandante de Forças Volantes, Lampião teve no início da década de 1930, na Bahia, um período de calmaria, tendo a população a seu favor. Segundo ele:

As forças pernambucanas atravessaram alguns dias depois [as fronteiras entre o estado de Sergipe e Bahia], mas tiveram de retirar-se do Estado em face das reclamações dos fazendeiros, que estavam a preferir Lampeão – ‘o homem’ regenerado, às incômodas e inconvenientes ‘volantes’. Conquistou Virgulino quase todos os habitantes das caatingas, tratando-os com extrema bondade e esbanjando prodigamente o dinheiro de que se apossara. Um ano inteiro, não se teve nenhuma notícia de qualquer depredação levada a efeito pelos cangaceiros naquele Estado. Tornou-se Lampeão para aquela gente, no que fôra o padre Cícero, no Juazeiro, para os seus crentes. O seu nome sinistro não foi mais pronunciado, agora era conhecido por ‘o homem’ (1953, p. 100).

O memorialista escrevendo do seu luar social de oficial, fez questão de adjetivar Lampião com termos que dava-lhe um lugar no mundo dos desqualificados: “‘o homem’ regenerado”, aquele que esbanjava dinheiro roubado, o sujeito portador do “nome sinistro”. Essas imagens, algumas vezes se destoavam das concepções lapidadas pela população, caso exemplar foi essa admiração e respeito por parte da população baiana para com Lampião.

A narrativa do Gueiros nos faz pensar em uma questão importante, o distanciamento dos governantes e das volantes para com o povo. Não havia,

praticamente, uma identificação entre eles, sendo visto o governo como um poder distante, que não atendia a necessidade popular. Até mesmo as volantes, muitas vezes no lugar de serem portadores da ordem, acabavam por serem proliferadores da desordem através do seu autoritarismo.⁶ Já os cangaceiros, em determinados momentos, entendiam os dilemas do povo, corroboravam do mesmo sentimento de injustiça que permeava aquele meio, colocando-se como injustiçados sociais.

Dessa feita, Lampião surgia como uma solução, pois antes de tudo ele era no imaginário social, “o homem”, “cabra” de palavra, protótipo da valentia e masculinidade. O interessante é percebermos ter o cordelista dado um lugar a Lampião no meio de toda essa trama, o lugar de guardião da moral, aquele que tem a capacidade de reestruturar um sistema que se encontra esfacelado devido à corrupção. Questionando o mundo da política, o cordelista usou seu texto como uma forma de denúncia do descaso e alienação que brotava por parte do setor político, que nivelava a população a meras peças sem opinião própria no seu jogo político:

Políticos demagogos/ Jurando santa inocência/ Só se elegendo por serem/ Uns ladrões de consciência/ Mantendo o povo carente/ E por isso dependente/ Dos programas de assistência.

Também os capitalistas/ Que lucram com a pobreza/ Dão apoio a esses homens/ Pensando só na riqueza/ Nos bancos seu saldo cresce/ Enquanto o povo padece/ Sem comida sobre a mesa (SILVA, s/d).

A impunidade foi colocada a prova. O cordelista colocou dois mundos em evidência: o dos ricos que exerciam o poder e, muitas vezes, eram envolvidos pela corrupção sendo que não recaia nenhuma penalidade sobre eles; e, por outro lado, temos os pobres que eram obrigados a assistir passivos a toda a máquina do sistema que os explorava e não lhes possibilitava se desvencilharem das amarras da submissão. O cordel configurou-se, assim, além de uma forma de resistência e saudosismo, como um mecanismo que visava possibilitar os “de baixo”, terem a oportunidade de expressarem suas opiniões e denunciarem o que eles não concordavam na sociedade em que viviam.

⁶ Ver: AMAURY, Antonio; FERREIRA, Vera. **De Virgulino a Lampião**. 2.ed revisada. Aracaju: Ed. do Autor, 2009. p. 245.

Mas a praga mais atroz/ Atende por Impunidade/ Quem tem poder pinta e
borda/ Quer no campo ou na cidade/ Porém nada lhe acontece/ Só o pobre é
quem conhece/ O rigor da autoridade (SILVA, s/d).

Com a licença poética que lhe é permitida, o cordelista paraibano Jessier Quirino deu vida a Lampião colocando-o como centro da sua narrativa e porta-voz das massas exploradas. No cordel “Virgulino Lampião, Deputado Federá”, ao mesmo tempo em que Lampião foi usado para denunciar o descaso, ele ia apresentando um projeto para a região e o país, sendo que, o exemplo de um bom projeto para o país estaria no passado, um passado no qual havia moral e ordem, e a corrupção não tinha ainda estendido os seus tentáculos. É claro que temos que entender essa concepção como uma “tradição inventada”, pois como dissemos, a corrupção no tempo de Lampião era tão efetiva como temos atualmente. Enfático Lampião tomou a palavra através do cordel:

Seus Dotôres Deputado/ falo sem tutubiá/ pra mostrá que nós matuto/ sabe se
pronunciá/ dizê que ta um presídio/ com dó e matuticídio/ a vida nesse lugá.

O Brasí surgiu de nós/ nós tudo que vem da massa/ deram um nó no mêi de
nós/ que nós desse nó não passa/ e de quatro em quatro ano/ vem vocês com o
veio plano/ desata o nó e se abraça

Tamo chêi dessa bostice/ de promessa e eleição/ dos que vem de vez em
quanto/ se rindo, estendeno a mão/ candidato a caloteiro/ aprendiz de
trapaceiro/ corruto, falso e ladrão (QUIRINO, s/d).

Para dá maior grau de emoção e convencimento ao seu escrito, Jessier Quirino fez uso das “palavras do matuto”, usando a linguagem popular, típica dos sertões nordestinos. A ironia das palavras pretendia mostrar que aqueles indivíduos sertanejos que os políticos acreditavam não terem capacidade de pensar, não eram passíveis, sem conhecimento e entendimento político. A partir de uma tomada de consciência, eles usaram de sua linguagem “popular”, sem “erudição”, para através do cordel, taticamente, quebrar a estratégia da elite de calá-los e explorá-los.

O “matuto” invadia, então, o campo dos eruditos, dos letrados, através da “poesia matuta”⁷ e, a sua maneira, inventava uma tradição que devia impor-se a esse sistema em que a moralidade e a ética foram esquecidos. Dessa feita:

⁷ Termo usado por Jessier Quirino para descrever sua produção.

O objetivo e característica das ‘tradições’, inclusive das inventadas, é a invariabilidade. O passado real ou forjado a que elas se referem impõe práticas fixas (normalmente formalizadas), tais como repetição. O ‘costume’, nas sociedades tradicionais, tem a dupla função de motor e volante (HOBSBAWM, 2008, p. 10).

Por não concordar com essa realidade, as tradições vão sendo impostas com o seu crivo diante das transformações que elas não aceitam, pois todas as transformações, para aqueles defensores das tradições, devem ser ponderadas de forma que não venham a romper abruptamente com a cultura e o modo de vida daquela sociedade. Atrelada a essa reflexão é que temos que entender o cordel de Jessier Quirino e de José Honório da Silva. Para Silva, no passado estaria o tempo bom, a ordem e o respeito que deveriam servir de exemplos para o presente, sendo o “tempo de Lampião”⁸ o momento evocado pelo cordelista:

Mas no Nordeste houve um tempo/ Que a coisa foi diferente/ Os poderosos de antanho/ Sentiram que à sua frente/ Um outro poder nascia/ Afrontando a tirania/ Sem temer ouro ou patente [...]

Que força seria esta/ Que causou apreensão/ A quem achava ter o/ Mundo na palma da mão/ Foi ela um cabra-da-pesto/ Este El Cid do Nordeste/
VIRGULINO, LAMPIÃO (SILVA, s/d).

O nome do “cabra” veio grafado em letras maiúsculas e em destaque, como que para qualificá-lo como uma autoridade, um salvador que no seu tempo não foi passivo, mas um sujeito atuante e de pulso forte. A visão do cordelista, como dissemos, vem na perspectiva de ser Lampião um herói, defensor dos pobres e oprimidos.

O “cabra da peste” simbolizaria a masculinidade do homem, pois o homem sertanejo não só é homem pela sua condição física de pertencer ao sexo masculino, mas ele se faz, ele deve ser aquele revestido de coragem, que não se subjeta ao poder de outrem, que dá a última palavra em casa e não aceita afrontas contra a sua honra e sua moral. É um sujeito de palavras duras, voz firme, que mantém a palavra dada até as últimas conseqüências, mesmo que para isso tenha que sacrificar a própria vida, pois isso era o que pregava o código ético sertanejo, um código que não era escrito em papel, mas escrevia-se no próprio imaginário social dos indivíduos que desde cedo aprendiam a honrá-lo.

⁸ Quanto ao uso do termo “tempo de Lampião”, estou compreendendo o período de maior efervescência do cangaço, de 1900 a 1940.

A síntese dessa ideia de masculinidade estaria presente na figura do cangaceiro que representaria a essência da força, coragem e virilidade. Segundo Durval Muniz Albuquerque Júnior:

A presença da temática do cangaço na literatura de cordel, expressão literária popular que se faz presente neste espaço, desde o final do século XIX, e que também vai ser eleita para representar a nordestinidade cultural, inspirando a forma de escrever de muitos autores regionalistas, vai dando a este personagem uma centralidade na hora de se definir como é o nordestino. A consequência é que o nordestino passa a ser visto, em outras regiões, como um homem que tende à violência, como um homem disposto a puxar a sua peixeira de picar fumo a qualquer hora e em qualquer lugar, para perfurar a barriga do primeiro que aparecer (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p. 108-109).

São essas imagens que foram ao longo do tempo sendo inseridas no imaginário social e acabaram por construir múltiplas representações sobre o cangaço e os cangaceiros, contribuindo, como dissemos, para a elaboração de imagens dúbias sobre esses personagens históricos. O bandido sanguinário apresentado pelos jornais durante a vigência do movimento do cangaço lampiônico, passou por um processo mutativo e, a partir de fins das décadas de 1940 e 1950, passou a ser visto como o representante e a síntese de uma região.

O chapéu quebrado dos cangaceiros, as vestes chamativas que tanto fascinavam as crianças e impunham medo aos adultos, passaram a ser resignificadas a partir da necessidade, nessa época, de valorização das coisas locais, da tradição e cultura que se via impregnada de valores modernos, tidos como adversos para a realidade daquela região. Diante da mutação que passava a região, era necessário escolher sujeitos do passado que pudessem servir de elo forte para sustentar os padrões tradicionais.

Para a consolidação de uma imagem de Lampião como defensor da causa popular, o cordelista buscou justificar os fatos ocorridos na vida do cangaceiro que demonstraram, às vezes, que o cangaceiro usou da violência exacerbada para impor-se e tirar vantagens. Muitos desses atos, como matar gente inocente e desvirginar moças através do estupro, fatos tidos como desrespeitosos da tradição sertaneja, foram amenizados no cordel, pois, segundo o cordelista, o que devia ser levado em conta era as boas intenções de Lampião e a sua luta contra o sistema que explorava os pobres:

Não há bom sem ter defeito/ Sempre ouvi do meu avô/ Se matou gente inocente/ E moçoilas profanou/ Foram cenas isoladas/ Em horas desatinadas/ Isso Deus lhe perdoou.

O que vinga para a História/ É que o grande Virgulino/ Procurou fazer justiça/ Forjado pelo destino/ À elite fazendo ver/ A pujança e o poder/ Do matuto nordestino (SILVA, s/d).

Essa contestação e transformação da qual Lampião seria o representante, não viria através do diálogo pacífico, mas através da força da bala, segundo Jessier Quirino, que no cordel deu voz a Lampião: “Quero que vocês refrita/ o falá da minha fala/ pelo cano do revólve/ magine o tamãe da bala” (s/d). A lei que se estabeleceria seria a “lei do cangaceiro”, a qual não possibilitaria a corrupção e a roubalheira, por isso a necessidade de eleger Lampião para “Deputado Federá”, pois ele colocaria ordem no Congresso Federal, através da “lei da ignorança”, ou seja, através do autoritarismo das suas palavras:

Vocês que véve arrimado/ nas bengala do podê/ dou um chuto na bengala/ mode alejado corrê/ dou dedo, faço munganga/ canto Ouvira do Ypiranga/ e mando tudo se fudê.

Acunho logo a tramela/ nas porta da corrupção/ toco fogo na lixeira/ e passo de mão em mão/ corto língua de quem mente/ quebro três ou quatro dente/ dos Deputado risão (QUIRINO, s/d).

Assim, a morte de Lampião no dia 28 de julho de 1938, não se configurou como o fim do cangaceiro, pois, segundo o cordelista, teria sido apenas uma pausa para que o “Rei do Cangaço” conseguisse organizar o seu grupo para brevemente voltar e instituir a ordem e um passado glorio regado pelas tradições. Estariam, então, condenados a prestar contas ao Capitão do Sertão:

Prefeito que contratar/ Trio Elétrico no São João/ Renegando a melodia/ De xote, coco e baião/ Ficarà nuzinho, pelado/ Para dançar um xaxado/ De costas pra Lampião [...]

E o plantador de maconha/ Perdição da juventude/ Trate logo de parar/ Peça que o bom Deus lhe ajude/ Mas caso não se arrependa/ Faça logo a encomenda/ Ligeiro, dum ataúde (SILVA, s/d).

Referências Bibliográficas

-
- ALBUQUERQUE JÚNIOR, Durval Muniz. **Nordestino uma Invenção do Falo**. São Paulo: Edições Catavento, 2003.
- _____. **A Invenção do Nordeste e Outras Artes**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2006.
- _____. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia**. São Paulo: Cortez, 2007.
- _____. **Nos Destinos de Fronteira: história, espaços e identidade regional**. Recife: Bagaço, 2008.
- ARAÚJO, Antônio Amaury Corrêa; FERREIRA, Vera. **De Virgolino a Lampião**. 2. ed revisada. Aracaju: Ed. do Autor, 2009.
- BURKE, Peter. (Org.). **A Escrita da História: novas perspectivas**. São Paulo: Editora UNESP, 1992.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1990.
- _____. **À Beira da Falésia: a história entre incertezas e inquietude**. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.
- _____. **A História ou a Leitura do Tempo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- CHANDLER, B. J. **Lampião, O Rei dos Cangaceiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- FACÓ, Rui. **Cangaceiros e Fanáticos**. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 1983.
- FORTUNATO, Maria Lucinete. **O Conceito de Coronelismo e a Imagem do Coronel: de símbolo a simulacro do poder local**. Campina Grande: EDUFCG, 2008.
- GUEIROS, Optato. **Lampeão: Memórias de um Oficial ex-comandante de Forças Volantes**. 2. ed. São Paulo: Sem Editora, 1953.
- MACÊDO, Nertan. **Capitão Virgolino Ferreira: Lampião**. 4. ed. Rio de Janeiro: Artenova, 1972.
- MOTA, Leonardo. **No Tempo de Lampião**. 3. ed. Fortaleza: ABC Editora, 2002.